

QUANDO A CRISE APROFUNDA DESIGUALDADES: EXPERIÊNCIAS DE PÓS-GRADUANDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 EM PAÍSES DO NORTE E SUL GLOBAL***WHEN THE CRISIS DEEPENS INEQUALITIES: EXPERIENCES OF POSTGRADUATE STUDENTS DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN COUNTRIES OF THE GLOBAL NORTH AND SOUTH******CUANDO LA CRISIS PROFUNDIZA LAS DESIGUALDADES: EXPERIENCIAS DE ESTUDIANTES DE POSGRADO DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19 EN PAÍSES DEL NORTE Y DEL SUR GLOBAL***

Roberta Pires Corrêa¹
Wallace Lucas Magalhães²
Paulo Roberto Soares Stephens³

RESUMO: Este artigo analisa de que modo desigualdades institucionais e socioeconômicas moldaram as experiências acadêmicas e o sofrimento psíquico de estudantes de pós-graduação durante a pandemia de Covid-19, com base em evidências empíricas do Brasil e discussão à luz da literatura internacional sobre países do Norte e Sul Global. A classificação adotada para Norte/Sul Global baseia-se em critérios político-econômicos, e não geográficos. Assim, o México, por exemplo, é incluído no Sul Global pelas condições estruturais que compartilha com países em desenvolvimento. O estudo adota uma abordagem quanti-qualitativa, articulando revisão bibliográfica com dados coletados por meio de questionário online, aplicado a 5.985 estudantes brasileiros de cursos Lato Sensu e Stricto Sensu, de todas as regiões do país, durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19. Os dados quantitativos foram analisados por estatística descritiva, enquanto os qualitativos seguiram a perspectiva de análise temática proposta por Fontoura. Os resultados indicam que o sofrimento psíquico, a queda de produtividade e a instabilidade emocional foram recorrentes, com maior gravidade em contextos marcados por exclusão digital, instabilidade financeira e escassez de suporte psicossocial contínuo. No Sul Global, representado por Brasil, México e Moçambique, esses desafios se apresentaram de forma mais acentuada. A análise interpretativa da literatura internacional permitiu contrastar tais achados com realidades do Norte Global, onde, apesar de maior estrutura institucional, persistiram vulnerabilidades entre estudantes internacionais e minorias sociais. Conclui-se que a pandemia acentuou desigualdades preexistentes, exigindo políticas públicas e institucionais voltadas à permanência e ao bem-estar discente.

Palavras-chave: Covid-19; pós-graduação; saúde mental; norte global; sul global.

ABSTRACT: *This article examines how institutional and socioeconomic inequalities shaped the academic experiences and psychological distress of postgraduate students during the*

1 Pós-doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB), Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8207-4438>. E-mail: correa.robertapires@gmail.com

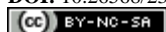
2 Doutor em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4781-1962>. E-mail: luckasoab@yahoo.com.br.

3 Doutor em Neurociências. Docente permanente do programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB), Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6389-1371>. E-mail: paulo2000@yahoo.com.br.

EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 12 p. 1-25, Jan./Dez., 2025.

e-ISSN: 2359-2087

DOI: 10.26568/2359-2087.2025.8396



Covid-19 pandemic, drawing on data from Brazil and a comparative discussion based on international literature on countries of the Global North and South. The Global North/South classification adopted follows political and economic rather than geographic criteria; thus, countries like Mexico are considered part of the Global South due to structural conditions shared with other developing nations. The study uses a mixed-methods approach, combining a literature review with survey data collected through an online questionnaire completed by 5,985 Brazilian postgraduate students (Lato Sensu and Stricto Sensu) from all regions of the country during the most critical phase of the pandemic. Quantitative data were analyzed using descriptive statistics, while qualitative responses were examined through thematic analysis following Fontoura's framework. Findings indicate widespread psychological distress, reduced academic productivity, and emotional instability, especially in contexts marked by digital exclusion, financial insecurity, and limited psychosocial support. In the Global South—discussed here through the Brazilian experience and supported by literature on Mexico and Mozambique—such challenges were more severe. An interpretive review of international studies provides contrast with the Global North, where stronger institutional structures existed, but vulnerabilities persisted among international students and marginalized populations. The study concludes that the pandemic deepened pre-existing educational inequalities and highlights the urgent need for public and institutional policies aimed at promoting student well-being and academic continuity.

Keywords: covid-19; postgraduate education; mental health; global north; global south.

RESUMEN: Este artículo examina cómo las desigualdades institucionales y socioeconómicas influyeron en las experiencias académicas y el malestar psicológico de estudiantes de posgrado durante la pandemia de Covid-19, basándose en datos del contexto brasileño y en una discusión comparativa fundamentada en la literatura internacional sobre países del Norte y del Sur Global. La clasificación adoptada para el Norte/Sur Global se basa en criterios políticos y económicos, más que geográficos; así, países como México se consideran parte del Sur Global debido a condiciones estructurales compartidas con otras naciones en desarrollo. El estudio emplea un enfoque metodológico mixto, combinando una revisión bibliográfica con datos de encuestas recogidos a través de un cuestionario en línea aplicado a 5.985 estudiantes brasileños de posgrado (programas Lato Sensu y Stricto Sensu) de todas las regiones del país, durante la fase más crítica de la pandemia. Los datos cuantitativos fueron analizados mediante estadística descriptiva, mientras que las respuestas cualitativas se interpretaron a partir del análisis temático propuesto por Fontoura. Los resultados indican malestar psicológico generalizado, disminución de la productividad académica e inestabilidad emocional, con mayor intensidad en contextos marcados por la exclusión digital, la inseguridad financiera y la falta de apoyo psicosocial continuo. En el Sur Global —analizado aquí a través de la experiencia brasileña y respaldado por estudios sobre México y Mozambique— estos desafíos fueron más pronunciados. El análisis sugiere que la pandemia profundizó desigualdades educativas preexistentes y destaca la necesidad urgente de políticas públicas e institucionales que favorezcan el bienestar y la permanencia estudiantil.

Palabras clave: covid-19; estudios de posgrado; salud mental; norte global; sur global.

Introdução

A pandemia de Covid-19 desencadeou uma crise sanitária e humanitária sem precedentes, marcada não apenas pelo adoecimento físico e pela perda de vidas, mas também

pelo agravamento das desigualdades sociais e históricas, especialmente em países emergentes como o Brasil (Corrêa, 2022; Werneck, 2022). Mesmo antes da emergência sanitária, pesquisas já alertavam para a vulnerabilidade da saúde mental de estudantes universitários; estudos recentes confirmam que esse cenário se intensificou no período pandêmico, com prevalência elevada de ansiedade e depressão, cujos efeitos persistem no período pós-Covid-19 (Menegaldi-Silva *et al.*, 2023; Schwartzman, 2022). Esse impacto mostrou-se particularmente severo entre pós-graduandos, dada a combinação entre pressões acadêmicas e fragilidades institucionais (Corrêa *et al.*, 2022; Corrêa, 2022). Pesquisas também revelam que a sobrecarga vivenciada pelos estudantes esteve associada às condições de trabalho dos docentes universitários. Pereira, Hecktheuer, Neto (2021) apontam que o *burnout* e o tecnoestresse se tornaram fatores críticos durante a pandemia, indicando que os efeitos da exclusão digital e das pressões institucionais extrapolaram os programas de pós-graduação e afetaram o ambiente acadêmico como um todo.

No Brasil, a necessidade de manter a continuidade das atividades científicas levou os programas de pós-graduação a adotar estratégias emergenciais, como a substituição das aulas presenciais por meios digitais (Brasil, 2020). Contudo, o apoio psicossocial e a infraestrutura acadêmica mostraram-se insuficientes para mitigar os efeitos da crise, como queda de produtividade, estresse contínuo e dificuldades de permanência, sobretudo em instituições com menor investimento em ciência e tecnologia (Corrêa, 2022; Menegaldi-Silva *et al.*, 2023). Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2021), ao analisar a experiência do ensino híbrido em período letivo excepcional, evidenciam que as universidades não estavam estruturalmente preparadas para atender às demandas do ensino remoto. De forma semelhante, Lucas e Vergara (2022) identificaram que docentes da rede pública relataram sobrecarga mental significativa, o que demonstra como as desigualdades estruturais se manifestaram em diferentes níveis de ensino, alcançando também a pós-graduação.

No cenário internacional, estudos indicam que os impactos da pandemia variaram conforme o grau de desigualdade institucional dos países (Corrêa, 2022; Unesco, 2023). Em contextos com estruturas acadêmicas menos consolidadas e menor investimento público, estudantes de pós-graduação relataram níveis mais elevados de sofrimento psíquico e redução na produtividade.

De acordo com o Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023 (Unesco, 2023), embora indicadores globais tenham apresentado sinais de recuperação após os impactos iniciais da pandemia de Covid-19, muitos países de baixa renda, especialmente no Sul Global, ainda não retomaram os níveis educacionais anteriores à crise sanitária. Essa recuperação

desigual evidencia o aprofundamento de disparidades nas áreas de saúde, educação e renda — dimensões fundamentais do desenvolvimento humano e diretamente relacionadas à trajetória acadêmica de estudantes, sobretudo nos contextos mais vulneráveis.

Apesar dos avanços na produção científica sobre os efeitos da pandemia na educação superior, ainda persiste uma lacuna importante: são escassos os estudos comparativos que examinam, de forma estruturada, como estudantes de pós-graduação foram afetados em diferentes contextos do Norte e do Sul Global. A maior parte das pesquisas concentra-se em análises isoladas, geralmente restritas a realidades nacionais, sem incorporar uma abordagem comparativa que considere fatores institucionais, socioeconômicos e culturais (Dados e Connell, 2012; Caixeta *et al.*, 2024; Unesco, 2023).

Para preencher essa lacuna, este estudo adota o conceito de Norte/Sul Global em sua dimensão política e socioeconômica, e não meramente geográfica. O Norte Global compreende países com elevados investimentos em ciência, tecnologia e educação, como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, enquanto o Sul Global reúne países marcados por restrições institucionais e desigualdades estruturais, como Brasil, México e Moçambique (Dados e Connell, 2012; Pnud, 2023). Como destacam Caixeta *et al.* (2024, p. 5), “seria infundado referir-se apenas aos hemisférios para explicar o conceito de Sul Global, reforçando sua natureza geográfica”. Dessa forma, o México é aqui considerado parte do Sul Global não por sua posição no hemisfério norte, mas por sua condição socioeconômica emergente. O Brasil, por sua vez, compartilha tanto a localização no hemisfério Sul quanto as fragilidades estruturais que caracterizam o Sul Global (Banco Mundial, 2022; Lechini, 2022).

O objetivo deste artigo é compreender de que forma desigualdades socioeconômicas e institucionais moldaram as experiências acadêmicas e o sofrimento psíquico de estudantes de pós-graduação, com base em dados produzidos no contexto brasileiro e discussão à luz da literatura internacional sobre países do Norte e Sul Global. Ao fazê-lo, busca-se oferecer subsídios à formulação de políticas públicas e institucionais voltadas ao suporte discente em contextos de crise.

Diante desse panorama, a questão norteadora que orienta esta pesquisa é: quais são as semelhanças e diferenças nas trajetórias acadêmicas e na saúde mental de estudantes de pós-graduação entre países do Norte Global e do Sul Global durante a pandemia de Covid-19?

Referencial teórico

As desigualdades educacionais agravadas durante a pandemia de Covid-19 evidenciaram que os impactos das crises globais não se distribuem de forma equitativa entre os países. A compreensão dessas assimetrias exige um enquadramento analítico que vá além de categorias geográficas. Neste sentido, os conceitos de Norte Global e Sul Global constituem ferramentas teóricas fundamentais para analisar as disparidades nas experiências acadêmicas e institucionais em nível internacional.

Segundo Dados e Connell (2012), a divisão entre Norte e Sul Global deve ser entendida a partir de fatores históricos, políticos e econômicos, e não como uma mera delimitação espacial. O Norte Global refere-se, majoritariamente, a países com elevado grau de industrialização, maior capacidade de investimento público em ciência e tecnologia e sistemas educacionais mais consolidados. Por outro lado, o Sul Global abrange países que compartilham restrições estruturais, vulnerabilidades institucionais e limitações orçamentárias crônicas em políticas públicas educacionais.

Essa leitura é reforçada por Caixeta *et al.* (2024), ao apontarem que o Sul Global é uma construção histórica e relacional, que se expressa na experiência comum de enfrentamento de desigualdades, inclusive no campo da produção e circulação do conhecimento. Lechini (2022) acrescenta que essa categoria não é estática, mas dinâmica, sendo moldada por processos de inserção internacional, trajetórias de desenvolvimento e projetos políticos nacionais.

O conceito de Sul Global, portanto, contribui para evidenciar como a pandemia acentuou desigualdades preexistentes entre sistemas de pós-graduação em diferentes países. Ao considerar essa perspectiva, torna-se possível analisar os efeitos da crise sanitária de forma comparada, valorizando os condicionantes institucionais, sociais e econômicos que estruturam o cotidiano acadêmico em contextos diversos.

Além disso, documentos internacionais como o Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024 (Pnud, 2023) e o Relatório de Monitoramento Global da Educação (Unesco, 2023) demonstram que, embora alguns países tenham apresentado sinais de recuperação após a pandemia, os países do Sul Global enfrentam dificuldades persistentes. Tais evidências reforçam a pertinência do enquadramento teórico aqui adotado para compreender como trajetórias acadêmicas e saúde mental de estudantes de pós-graduação foram impactadas de maneira desigual ao redor do mundo.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem quanti-qualitativa em duas etapas: (i) revisão bibliográfica exploratória em bases internacionais e (ii) levantamento empírico com estudantes de pós-graduação no Brasil. O objetivo foi integrar dados da literatura com evidências empíricas nacionais para analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 na pós-graduação em países do Norte Global (desenvolvidos) e do Sul Global (em desenvolvimento).

A revisão bibliográfica concentrou-se em artigos revisados por pares, publicados entre janeiro de 2020 e outubro de 2023, localizados em bases indexadas de alta relevância: *Scopus*, *Web of Science*, *PubMed* e *SciELO*. O recorte temporal visou mapear a produção científica referente ao período mais crítico da pandemia de Covid-19. Foram utilizados descritores em português, inglês e espanhol, com base nas seguintes palavras-chave: Covid-19; pós-graduação; saúde mental; Norte Global; Sul Global; desigualdade educacional.

A seleção priorizou países representativos de dois polos contrastantes: Norte Global (Inglaterra, Estados Unidos e Canadá) e Sul Global (Brasil, México e Moçambique). Essa escolha metodológica apoia-se em análises consolidadas sobre desigualdades globais na produção científica e educacional (Connell, 2012; Pnud, 2023; Caixeta *et al.*, 2024; Lechini, 2022).

Além dos artigos científicos, foram incluídos documentos institucionais de organismos multilaterais, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud, 2023), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2023) e o Banco Mundial (2022), bem como obras teóricas de referência, utilizadas para fundamentar o marco conceitual do estudo. Trabalhos publicados após outubro de 2023 foram utilizados pontualmente para atualização do debate, mas não integraram o *corpus* principal da revisão.

Instrumento, coleta e análise de dados

A etapa empírica abrangeu 5.985 estudantes de pós-graduação, matriculados em cursos *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* de instituições públicas e privadas das cinco regiões do país. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz (CAAE: 3498540.0000.5248), e todos os participantes consentiram por meio de aceite digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O instrumento de pesquisa consistiu em um questionário eletrônico estruturado no Google Forms®, composto por 37 itens distribuídos em três blocos: (1) perfil sociodemográfico, (2) trajetória acadêmica e (3) saúde mental e bem-estar. O questionário combinou perguntas de múltipla escolha, duas escalas *Likert* de cinco pontos e três questões abertas. Sua validação envolveu um grupo focal com sete estudantes de pós-graduação da Fundação Oswaldo Cruz, cujas sugestões contribuíram para ajustes de vocabulário e eliminação de redundâncias.

A coleta de dados foi realizada entre 5 de outubro e 31 de dezembro de 2020, com ampla divulgação via redes sociais e *e-mails* institucionais. Após a exclusão de 210 respostas duplicadas, a amostra final foi composta por 5.985 estudantes de pós-graduação.

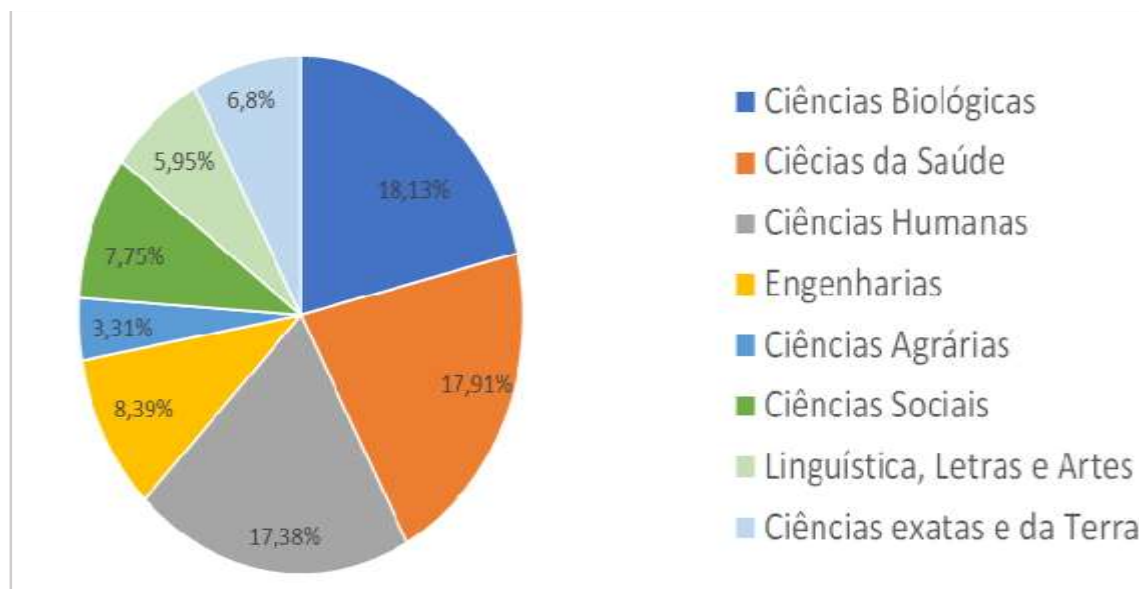
Os dados quantitativos foram exportados para planilhas do Microsoft Excel® e analisados por meio de estatística descritiva, com o objetivo de caracterizar o perfil dos participantes e identificar padrões relacionados à trajetória acadêmica e à saúde mental. As respostas qualitativas foram submetidas à análise temática, conforme a abordagem de Fontoura (2011), sendo organizadas em relatos as experiências relatadas pelos discentes durante a pandemia.

Sul Global

O contexto brasileiro

A pesquisa empírica realizada com 5.985 estudantes de pós-graduação de todas as regiões do país permitiu caracterizar o perfil sociodemográfico, acadêmico e de saúde mental dos participantes. A amostra foi composta majoritariamente por mestrandos (51,43%), seguidos por doutorandos (43,02%) e por estudantes de especialização (5,55%). Em termos de área de atuação, prevaleceram as Ciências Biológicas (18,13%), as Ciências da Saúde (17,91%) e as Ciências Humanas (17,38%), conforme a classificação da CAPES.

Figura 1: Distribuição de estudantes de pós-graduação por área de conhecimento da CAPES



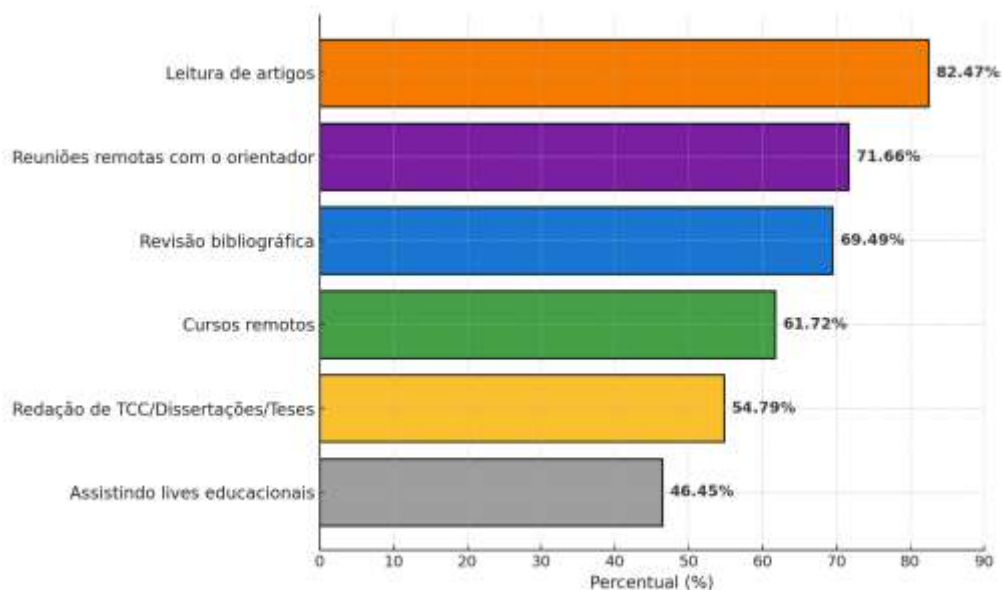
Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores, 2020.

A maior parte dos participantes estava vinculada a instituições públicas (96,3%), enquanto apenas 3,68% eram oriundos de instituições privadas. Quanto ao perfil sociodemográfico, a maioria era do sexo feminino (70%), branca (61%), com idade entre 18 e 40 anos e renda familiar entre R\$ 1.400 e R\$ 8.200.

Em relação ao financiamento, 53% dos estudantes recebiam bolsas de fomento, enquanto 46% não eram bolsistas. Apesar disso, 90% exerciam algum tipo de atividade remunerada, formal ou informal, paralelamente à pós-graduação.

No tocante ao percurso acadêmico, 67% já haviam concluído as disciplinas obrigatórias no momento da coleta, enquanto 9% ainda precisavam cursar a maior parte delas. Quanto às atividades realizadas durante a pandemia, a leitura de artigos (82%) e a participação em *lives* (46%) foram as práticas mais mencionadas (Figura 2).

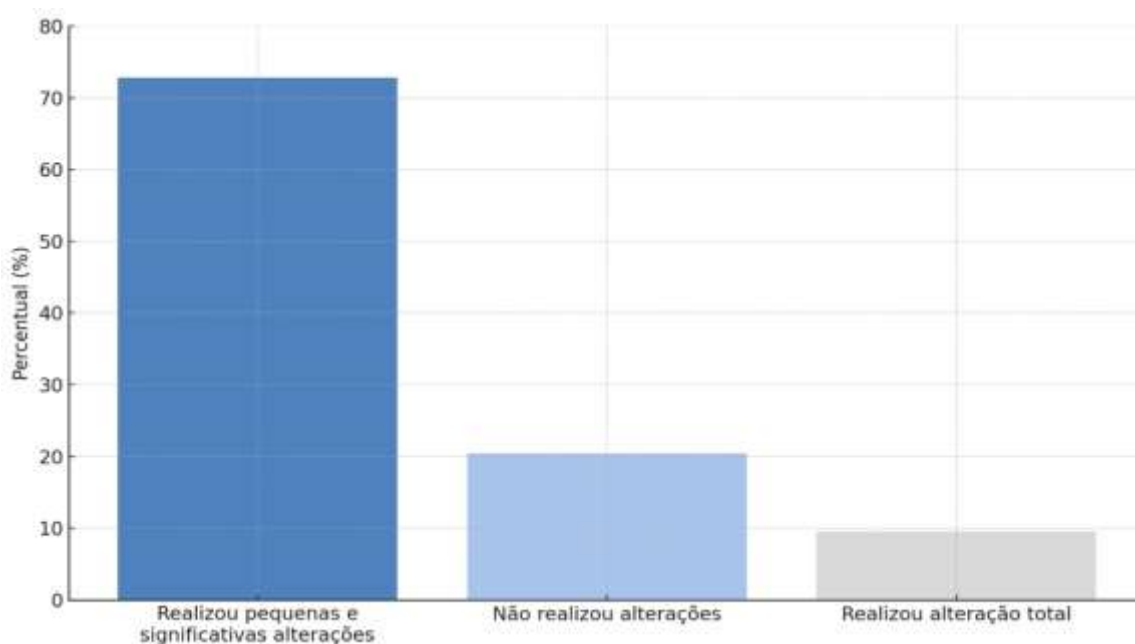
Figura 2: Atividades realizadas em relação ao projeto de pesquisa durante a pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A pandemia também impactou diretamente os projetos de pesquisa: 80% dos estudantes relataram modificações, sendo que 70% fizeram alterações parciais e quase 10% precisaram reformular integralmente seus trabalhos (Figura 3).

Figura 3: Alterações realizadas nos projetos de pesquisa durante a pandemia



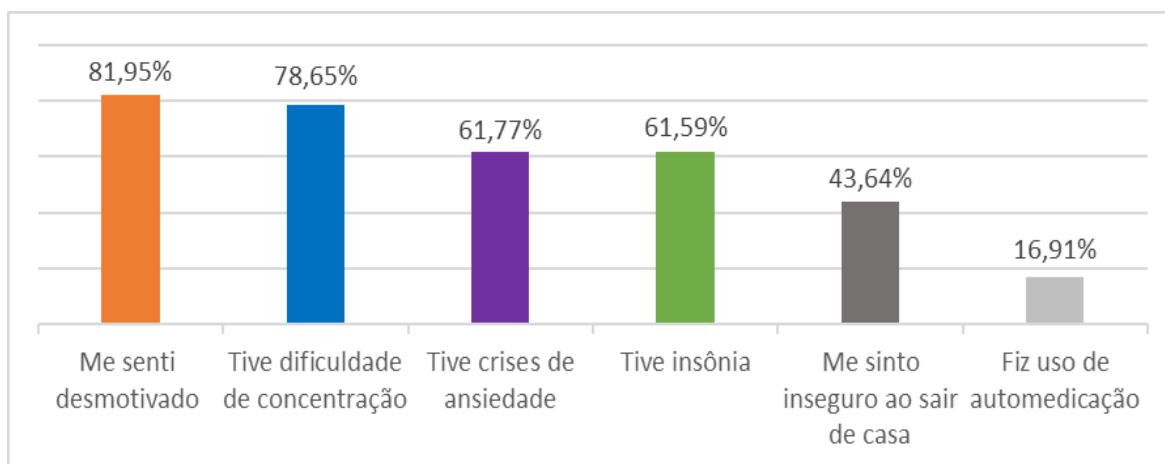
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Tais mudanças foram ilustradas por relatos de pós-graduandos, como o do Entrevistado A:

“Algum tempo depois, visto a extensão do tempo da pandemia e inviabilidade da coleta de dados, precisei reformular todo o meu projeto junto com a orientadora e temos trabalhado nisso desde então, para um outro tema que me permita uma coleta de dados remotamente”.

Além das alterações acadêmicas, verificou-se elevado comprometimento da saúde mental. Mais de 60% dos participantes relataram crises de ansiedade e dificuldades para dormir, enquanto 80% mencionaram falta de motivação e problemas de concentração (Figura 4).

Figura 4: Sentimentos e dificuldades relatados durante a pandemia



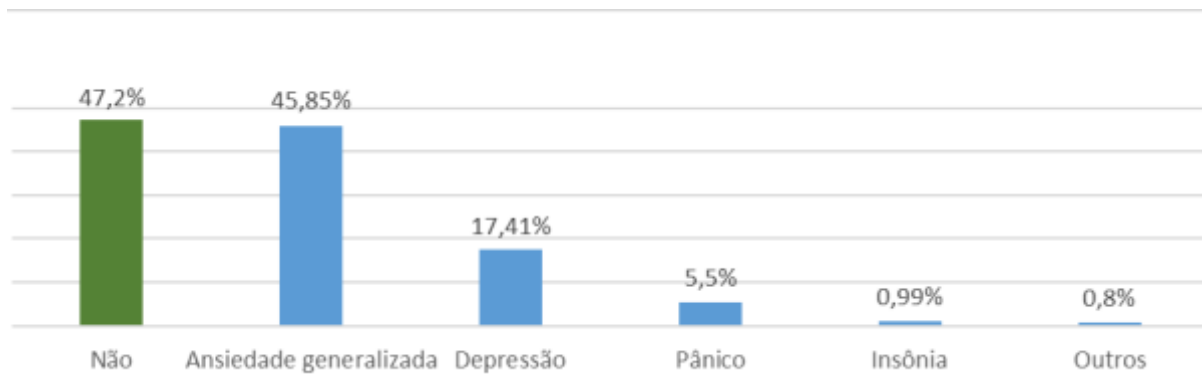
Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores, 2020.

Esses achados foram reforçados por relatos qualitativos, como o do Entrevistado B:

A mudança na rotina de estudos e trabalho foi drástica. O ambiente doméstico não favorece a concentração por longos períodos do dia, principalmente com crianças na casa. Horários de trabalho, estudo e rotina familiar se confundem.”

No conjunto, 45% dos estudantes receberam diagnóstico de ansiedade generalizada, 17% de depressão e cerca de 5% relataram crises de pânico. Aproximadamente um terço precisou buscar atendimento psicológico (Figura 5).

Figura 5: Diagnósticos de saúde mental durante a pandemia (respostas “Sim” e “Não”)



Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores, 2020.

O relato do Entrevistado C evidencia a sobrecarga emocional:

“Infelizmente estou há meses tentando escrever, mas parece que não rende. Leio e não consigo prestar atenção, os prazos estão cada vez mais apertados e estou sem saber o que fazer.”

De modo semelhante, o Entrevistado D ressaltou:

“A pandemia trouxe consequências, especificamente, na minha saúde mental, com constantes momentos de sofrimento, ansiedade e instabilidade que afetaram a concentração e a capacidade de estudo e escrita, em virtude da Covid-19 e dos prazos do doutoramento.”

Esses resultados revelam, de forma consistente, que a trajetória acadêmica dos pós-graduandos brasileiros foi marcada por sobrecarga, dificuldades de continuidade das pesquisas e significativo impacto na saúde mental, comprometendo tanto o desenvolvimento dos projetos quanto a permanência no percurso formativo.

México

A análise dos estudos sobre o impacto da pandemia de Covid-19 na pós-graduação mexicana revela um cenário de agravamento das desigualdades educacionais e de vulnerabilidade institucional. Embora o México conte com instituições de prestígio no cenário latino-americano, o período pandêmico escancarou fragilidades estruturais relacionadas à distribuição desigual de recursos, à conectividade digital limitada e ao financiamento insuficiente do ensino superior (Caixeta *et al.*, 2024; Lechini, 2022).

Particularmente nas universidades públicas regionais, a migração forçada para o ensino remoto expôs limitações técnicas e logísticas que comprometeram a continuidade acadêmica. Além disso, os estudantes enfrentaram sobrecarga significativa, ao conciliarem demandas acadêmicas com obrigações familiares e vínculos informais de trabalho — uma realidade recorrente em países do Sul Global (Unesco, 2023; Banco Mundial, 2022).

Os efeitos psicossociais desse contexto também foram amplamente relatados. Sintomas de ansiedade, depressão e estresse tornaram-se frequentes entre os pós-graduandos, alimentados pela insegurança em relação ao futuro e pelas rupturas nas rotinas de pesquisa (Marino-Jiménez *et al.*, 2024). Robelo *et al.* (2025) destacam que estudantes de uma universidade pública mexicana relataram forte impacto emocional associado à desestruturação acadêmica e à ausência de suporte institucional. De modo convergente, Jiménez Villamizar (2025) identificou níveis elevados de sofrimento mental entre doutorandos, com ênfase nos desafios metodológicos impostos pela interrupção de experimentos e na ausência de respostas institucionais eficazes.

Adicionalmente, dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud, 2023) apontam que, mesmo após o pico da crise sanitária, o México permaneceu com baixos índices de investimento em ciência e tecnologia em comparação à média da OCDE, o que agrava a precarização da formação acadêmica e científica.

Apesar desse quadro crítico, os estudos também evidenciam o protagonismo dos estudantes, cuja resiliência foi fundamental para a continuidade da produção científica. Mesmo diante de restrições e sobrecarga emocional, o engajamento acadêmico se manteve, indicando não apenas um esforço de adaptação individual, mas também a urgência de políticas estruturantes que reconheçam e valorizem esse capital humano em contextos de crise.

África

Em Moçambique, os impactos da pandemia de Covid-19 sobre o ensino superior foram intensificados por um cenário pré-existente de vulnerabilidades estruturais. A destruição de parte significativa da infraestrutura educacional provocada pelos ciclones tropicais Idai e Kenneth, em 2019, já havia comprometido seriamente o funcionamento de escolas técnicas e universidades em diversas regiões do país (República de Moçambique, 2020). A pandemia, portanto, encontrou o sistema educacional em um estado de fragilidade aguda, o que agravou as consequências da crise sanitária.

Com a detecção dos primeiros casos de Covid-19, o governo moçambicano suspendeu as atividades presenciais em todos os níveis de ensino e implementou estratégias emergenciais de ensino a distância, utilizando rádio, televisão e plataformas digitais. No entanto, a exclusão digital limitou severamente o alcance dessas medidas: grande parte dos estudantes não dispunha de acesso estável à internet, eletricidade contínua ou equipamentos adequados para acompanhar as aulas remotas (Martins *et al.*, 2021).

No plano psicossocial, os efeitos também foram relevantes. A paralisação de atividades acadêmicas, o isolamento social e a insegurança quanto ao futuro impactaram diretamente o bem-estar emocional dos estudantes. Messiano *et al.* (2021) identificaram que mais da metade dos universitários avaliados apresentou sintomas de estresse, ansiedade ou depressão durante os períodos de maior restrição, revelando um quadro de sofrimento mental significativo na comunidade acadêmica.

Além das consequências imediatas, os reflexos da pandemia continuaram a ser sentidos nos anos seguintes. Segundo Silva *et al.* (2024), Moçambique e outros países africanos de língua portuguesa registraram uma queda notável na produtividade científica em 2022, apontando não apenas para o impacto sobre a saúde mental e a formação acadêmica, mas também para um enfraquecimento prolongado da capacidade de produção de conhecimento.

De modo geral, o caso moçambicano evidencia que os efeitos da pandemia não podem ser compreendidos de forma isolada. Ao se somar a crises climáticas, à exclusão digital e às desigualdades históricas no acesso à educação, a Covid-19 atuou como um catalisador das fragilidades existentes, ampliando as barreiras ao desenvolvimento educacional e ao bem-estar discente.

Norte Global

Inglaterra

No contexto britânico, os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre estudantes de pós-graduação transcenderam as perdas acadêmicas imediatas, refletindo-se em aspectos estruturais, emocionais e financeiros com impacto direto sobre o bem-estar e o desempenho desses discentes. O relatório *Flash Survey Report: Impact of Covid-19 on Postgraduate Students*, conduzido pela Universidade de Cambridge (Ceccarelli, 2020), revela que a comunicação institucional fragmentada foi um dos principais pontos de tensão. Estudantes relataram percepções de desarticulação entre setores e faculdades, com respostas heterogêneas à crise sanitária, gerando sentimentos de abandono e desigualdade no acesso ao suporte.

Um depoimento coletado no estudo ilustra essa percepção:

“Desigualdades entre Universidades já é um problema em tempos normais, mas em momentos como esse torna-se particularmente significativo. Eu teria gostado de ver as Universidades adotarem uma abordagem mais combinada para lidar com a crise sanitária” (Ceccarelli, 2020, p. 11, tradução nossa).

Questões financeiras também foram amplamente reportadas. A ausência de diretrizes institucionais claras sobre a extensão de bolsas de pesquisa e financiamento internacional gerou insegurança, especialmente entre aqueles vinculados a programas financiados por organismos como o European Research Council. A abordagem caso a caso adotada por algumas agências foi percebida como insuficiente diante da magnitude dos obstáculos impostos pela pandemia.

Outro ponto de destaque refere-se à dependência da infraestrutura institucional por parte dos estudantes estrangeiros. Muitos pós-graduandos foram obrigados a deixar seus alojamentos universitários e retornar a seus países de origem ou buscar outras formas de moradia, dificultando o acesso às instalações laboratoriais e a materiais físicos essenciais à continuidade de suas pesquisas.

Além das perdas objetivas, houve prejuízos subjetivos, particularmente relacionados ao sofrimento mental. A sobreposição entre tarefas acadêmicas, cuidados familiares e incertezas institucionais produziu quadros de exaustão. Um estudante destacou:

Minha produtividade na escrita caiu drasticamente, simplesmente porque sou interrompido demais e uma grande parte da minha energia mental é gasta para fazer a rotina da minha família funcionar (Ceccarelli, 2020, p. 7, tradução nossa).

Corroborando esses dados, Chen e Lucock (2022) identificaram altos índices de ansiedade e depressão entre 1.173 estudantes universitários de uma instituição no norte da Inglaterra, com mais da metade da amostra ultrapassando os limites clínicos. As mulheres foram particularmente mais afetadas. O estudo atribui esse agravamento à conjunção de fatores como isolamento social, desafios financeiros e a sobrecarga decorrente da simultaneidade entre vida acadêmica e doméstica.

Em nível europeu, a pesquisa realizada pelo European University Alliances (2020) apontou que mais de 50% das instituições de ensino superior adotaram medidas emergenciais de apoio à saúde mental durante o primeiro ano da pandemia. A motivação partiu da crescente demanda dos estudantes por suporte emocional diante do estresse, desmotivação e ansiedade vivenciados em um ambiente de instabilidade generalizada.

Essa experiência evidencia que, mesmo em contextos com maiores níveis de investimento em ciência e tecnologia, como o britânico, os estudantes de pós-graduação estiveram vulneráveis às pressões estruturais e emocionais impostas pela pandemia. A diferença esteve, sobretudo, na capacidade institucional de resposta: universidades inglesas implementaram, de forma mais ampla e precoce, políticas de suporte psicológico e flexibilização acadêmica. Contudo, tais ações não foram suficientes para neutralizar os efeitos do isolamento, da incerteza profissional e da precarização subjetiva vivida por muitos pós-graduandos.

Estados Unidos

Nos Estados Unidos, a pandemia de Covid-19 atuou como catalisador de desigualdades educacionais historicamente presentes no ensino superior, afetando de forma desproporcional os estudantes de pós-graduação pertencentes a grupos sociais marginalizados. O relatório federal *Education in a Pandemic: The Disparate Impacts of Covid-19 on America's Students*, publicado em 2021 pelo *Office for Civil Rights* do Departamento de Educação, evidenciou que as disparidades raciais, socioeconômicas e de acessibilidade se intensificaram com a crise sanitária (United States of America, 2021).

Entre as onze observações do relatório, três são dedicadas ao ensino superior e destacam aspectos críticos. A primeira aponta o agravamento de barreiras pré-existentes, como o acesso desigual a recursos tecnológicos e o risco de evasão entre estudantes negros, latinos e indígenas. A segunda destaca a queda significativa nas matrículas universitárias desses grupos durante o período pandêmico, revelando impactos que ultrapassam o rendimento acadêmico e atingem a própria continuidade dos estudos. A terceira observação ressalta a precariedade da acessibilidade para estudantes com deficiência, que enfrentaram limitações significativas para acompanhar as atividades remotas de ensino e pesquisa.

Esses desafios também se refletiram na saúde mental dos estudantes. Pesquisas indicam níveis elevados de ansiedade, estresse e depressão, relacionados à perda de empregos, à insegurança financeira e à dificuldade de adaptação ao ensino remoto (Horgos *et al.*, 2020). A interrupção do acesso a laboratórios, bibliotecas e centros de pesquisa comprometeu o andamento de projetos acadêmicos, especialmente nas áreas que dependem de atividades presenciais. A sobrecarga emocional foi agravada pela necessidade de conciliar demandas acadêmicas com tarefas domésticas em contextos marcados por incerteza e instabilidade.

Instituições historicamente voltadas ao atendimento de estudantes sub-representados — como as *Historically Black Colleges and Universities* (HBCUs), *Minority Serving Institutions* (MSIs) e *Tribal Colleges and Universities* (TCUs) — enfrentaram obstáculos adicionais. As HBCUs, que tradicionalmente têm papel central na formação da população afro-americana, lidaram com dificuldades para manter seus programas ativos e oferecer suporte integral a seus estudantes (Louime; Simmonds; Jones, 2022). As TCUs, por sua vez, buscaram conciliar a preservação das culturas indígenas com a rápida adaptação ao ensino remoto, em meio a carências estruturais significativas (Gonçalves; Urquiza, 2021).

Além do ambiente educacional, o contexto social em que esses estudantes estavam inseridos agravou ainda mais os efeitos da pandemia. Segundo o Department of African American Studies (United States of America, 2023), afro-americanos enfrentaram taxas de mortalidade muito superiores à média nacional em estados como Louisiana e Illinois, resultado da combinação entre exposição a empregos essenciais, moradias precárias e acesso limitado à saúde.

Assim, os dados analisados demonstram que os impactos da Covid-19 sobre a pós-graduação nos Estados Unidos foram amplos, porém desigualmente distribuídos. Embora o país conte com um dos sistemas de ensino superior mais desenvolvidos do mundo, os efeitos da pandemia recaíram de forma mais severa sobre os estudantes de grupos étnico-raciais historicamente marginalizados, reafirmando a centralidade das desigualdades estruturais para a compreensão da crise educacional nesse período.

Canadá

A experiência canadense durante a pandemia de Covid-19 evidenciou os efeitos interdependentes entre fragilidade emocional, instabilidade financeira e descontinuidade acadêmica, sobretudo entre estudantes de pós-graduação. As análises conduzidas por Jaramillo e Stephenson (2020), já nos primeiros meses de crise, revelaram uma combinação de estresse elevado, queda de produtividade e incertezas quanto ao futuro profissional que, posteriormente, se confirmaram em diversos contextos ao redor do mundo. Essas manifestações extrapolavam o domínio acadêmico, alcançando as dimensões financeira, familiar e emocional da vida discente, especialmente no caso de estudantes estrangeiros.

O Canadá abriga um contingente expressivo de estudantes internacionais em seus programas de pós-graduação, sendo que, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2021), cerca de 25% dos doutorandos matriculados no

país em 2018 eram estrangeiros. Contudo, a pandemia ampliou de forma significativa a vulnerabilidade desse grupo. Estudantes internacionais, afastados de suas redes de apoio e muitas vezes excluídos das políticas emergenciais — como o Benefício de Emergência para Estudantes oferecido pelo governo federal — enfrentaram um cenário de insegurança financeira, ameaças à permanência legal no país e crescente sofrimento psíquico (Jaramillo; Stephenson, 2020).

Ainda que o número de casos de Covid-19 no Canadá tenha sido relativamente inferior ao registrado em países vizinhos como os Estados Unidos, a prevalência de sintomas de ansiedade e depressão entre os pós-graduandos foi notadamente elevada. Estudos como o de Shah *et al.* (2021) apontaram que, mesmo em contextos de menor risco epidemiológico direto, o isolamento social prolongado, o medo da perda de bolsas e o fechamento de laboratórios e bibliotecas impactaram de forma significativa a saúde mental dos discentes.

O aspecto financeiro emergiu como um fator central na sobrecarga emocional relatada. Segundo Jaramillo e Stephenson (2020), muitos estudantes viviam sob o temor da perda do visto de permanência e da moradia, já que qualquer afastamento temporário dos estudos — como uma licença acadêmica — poderia resultar na suspensão de bolsas ou na revogação de permissões migratórias. As soluções institucionais, embora presentes em algumas universidades, foram percebidas como limitadas diante da magnitude das demandas.

Além das dificuldades financeiras e emocionais, o comprometimento da continuidade das pesquisas também foi significativo. A suspensão de atividades presenciais comprometeu o acesso a infraestrutura essencial e redes de colaboração, colocando em xeque a viabilidade dos cronogramas acadêmicos. A recomendação de licenças temporárias feita por alguns orientadores, embora concebida como uma forma de cuidado, revelou-se inviável para grande parte dos estudantes, especialmente os estrangeiros, cujas condições legais e financeiras dependiam da continuidade regular dos estudos (Jaramillo; Stephenson, 2020).

Apesar das adversidades, observaram-se também iniciativas de resistência e solidariedade. Em Toronto, grupos de estudantes e docentes de Ciências Sociais organizaram ações colaborativas para mitigar os impactos da pandemia, incluindo redes de apoio emocional, partilha de recursos e estratégias de enfrentamento. Ainda assim, essas mobilizações não foram suficientes para compensar as lacunas estruturais existentes no sistema de suporte à pós-graduação.

O caso canadense ilustra com clareza como a pandemia não afetou apenas a lógica da produtividade acadêmica, mas expôs a interdependência entre políticas migratórias,

financiamento estudantil e bem-estar emocional. Essa complexa teia de fatores revelou que a permanência na pós-graduação em contextos de crise não pode ser compreendida como uma escolha individual, mas sim como reflexo da capacidade institucional e estatal de oferecer respostas equitativas. Tal constatação torna-se ainda mais relevante ao comparar o cenário canadense com países do Sul Global, onde essas vulnerabilidades se combinam a limitações históricas de infraestrutura e investimento público.

Desigualdades estruturais e sofrimento psíquico na pós-graduação durante a pandemia em países do Norte e do sul Global

A pandemia de Covid-19 impôs uma crise educacional global sem precedentes, cujos impactos se manifestaram de maneira assimétrica entre países do Norte e do Sul Global. A análise da tabela comparativa evidencia convergências nas manifestações de sofrimento psíquico entre estudantes de pós-graduação e divergências profundas quanto à infraestrutura institucional, à capacidade de resposta e à equidade de acesso às condições de permanência acadêmica, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Comparativo dos efeitos da pandemia sobre estudantes de pós-graduação em países do Norte e Sul Global

País	Desigualdades Estruturais	Impactos Acadêmicos	Saúde Mental	Resiliência Estudantil
Brasil	Instabilidade de financiamento e desproteção social na pós-graduação.	80% dos projetos alterados; dificuldades em coletas e uso de laboratórios.	>60% relataram ansiedade e distúrbios do sono; 45% com TAG; 17% com depressão.	Estudantes relataram esforço individual para manter produtividade mesmo sob sobrecarga.
México	Exclusão digital e distribuição desigual de recursos entre regiões.	Suspensão de coletas; acesso restrito à internet e bibliografia.	Altos níveis de ansiedade, estresse e insegurança institucional.	Manutenção de atividades científicas apesar de sobrecarga doméstica e falta de apoio.
Moçambique	Infraestrutura educacional fragilizada por desastres e conflitos armados.	Ensino remoto limitado por exclusão digital; paralisação de pesquisas.	>50% apresentaram sofrimento psíquico (estresse, ansiedade, depressão).	Iniciativas locais tentaram manter a educação, apesar da escassez de apoio institucional.
Inglaterra	Fragmentação institucional e desigualdade entre faculdades.	Dificuldade de articulação; interrupções nas pesquisas; acúmulo de funções.	Aumento de ansiedade e depressão; abandono institucional percebido, especialmente entre estudantes com dupla jornada.	Estudantes recorreram a redes de apoio e políticas parciais de saúde mental.
Estados Unidos	Desigualdade racial, social e digital; subfinanciamento em HBCUs, MSIs e TCUs.	Queda nas matrículas; evasão entre minorias e estudantes com ↓ ciência.	Sofrimento mental agravado entre estudantes marginalizados; aumento de depressão e ansiedade.	Resiliência marcada por apoio comunitário em instituições historicamente vulneráveis.
Canadá	Estudantes internacionais vulneráveis; exclusão de auxílios.	Interrupção de pesquisas; risco de perda de bolsas e moradia; falhas.	Altos níveis de estresse e depressão entre estudantes internacionais, mesmo com baixa taxa de	Apoio mútuo e redes informais foram estratégias de enfrentamento entre

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados empíricos e na literatura.

Desigualdades estruturais: o peso histórico do Sul Global

Países do Sul Global — Brasil, México e Moçambique — compartilham fragilidades estruturais anteriores à pandemia, como subfinanciamento da educação superior, exclusão digital e ausência de políticas universais de bem-estar estudantil. No caso brasileiro, por exemplo, a instabilidade de bolsas e o alto número de estudantes que precisaram conciliar trabalho com estudo já eram realidades anteriores à crise sanitária, mas foram acentuadas pela transição abrupta ao ensino remoto, revelando um sistema estruturalmente sobrecarregado.

Em Moçambique, a pandemia somou-se a desastres climáticos e conflitos armados, evidenciando como crises múltiplas e interseccionais paralisam o sistema de pós-graduação quando não há resiliência estatal. Já no México, a distribuição desigual de infraestrutura entre regiões e a baixa conectividade digital restringiram significativamente o acesso a atividades acadêmicas, acentuando as disparidades regionais internas ao país.

Esses cenários indicam que a precarização acadêmica no Sul Global não é apenas efeito da pandemia, mas resultado de um acúmulo histórico de negligência institucional e orçamentária, como demonstram Caixeta *et al.* (2024) e Lechini (2022)

Infraestrutura do Norte Global: maior capacidade institucional, mas vulnerabilidades persistentes

Em contraste, países do Norte Global, como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, exibiram maior capacidade de resposta institucional, com políticas emergenciais mais bem estruturadas, acesso amplo à internet e ações de suporte psicossocial por parte das universidades.

Entretanto, a tabela mostra que essas medidas não impediram o aumento expressivo de problemas de saúde mental, especialmente entre grupos historicamente vulnerabilizados, como estudantes internacionais, mulheres com filhos e minorias étnico-raciais. A experiência canadense é exemplar nesse sentido: apesar do investimento em suporte emocional, a exclusão de estudantes estrangeiros de auxílios emergenciais gerou insegurança migratória, emocional e financeira.

Na Inglaterra, a fragmentação institucional entre departamentos, universidades e institutos de pesquisa levou a percepções de abandono, especialmente entre estudantes com jornada dupla. Já nos EUA, onde a desigualdade racial e a elitização do ensino superior são

historicamente marcantes, houve queda de matrículas entre estudantes negros, latinos e indígenas, além de graves efeitos psicossociais.

Esses dados demonstram que, mesmo em contextos que tenham infraestrutura, políticas universais e sensíveis à diversidade não estavam plenamente consolidadas, o que reforça que a vulnerabilidade estudantil não se limita ao subdesenvolvimento econômico, mas também à falta de políticas inclusivas.

Saúde mental: convergência no sofrimento, divergência nos suportes

A análise da tabela revela um denominador comum entre Norte e Sul Global: a deterioração da saúde mental dos pós-graduandos. Altos níveis de ansiedade, estresse e depressão foram relatados em todos os países analisados. No Brasil, 45% dos estudantes foram diagnosticados com transtorno de ansiedade generalizada (TAG); em Moçambique, mais de 50% relataram sofrimento psíquico; nos EUA e Canadá, estudantes marginalizados e internacionais estiveram entre os mais afetados.

Entretanto, os mecanismos institucionais de suporte diferiram de forma acentuada. No Norte Global, apesar das falhas, houve ações mais coordenadas para atendimento psicológico, redes de apoio estudantil e flexibilização de prazos. Já no Sul Global, a precariedade institucional dificultou qualquer ação em escala. Mesmo nos países com maior produção científica da região, como o Brasil, as respostas institucionais foram desiguais, pontuais e, em muitos casos, inexistentes.

Resiliência estudantil: protagonismo apesar das adversidades

Se há um traço que atravessa todos os contextos analisados, é o protagonismo dos estudantes na manutenção da vida acadêmica em meio à crise. A tabela mostra que, tanto no Norte quanto no Sul Global, estudantes criaram redes informais de apoio, adaptaram seus projetos de pesquisa e desenvolveram estratégias para seguir com suas atividades, mesmo diante da ausência ou fragilidade das respostas institucionais.

No Brasil, por exemplo, estudantes relataram esforço individual para manter a produtividade, apesar da sobrecarga. Em Moçambique, foram as iniciativas locais que tentaram garantir a permanência educacional. Já no Canadá e nos EUA, grupos estudantis se mobilizaram por suporte emocional e equidade no acesso a auxílios.

Essa resiliência discente, marcada por criatividade, adaptação e solidariedade horizontal, é uma das respostas mais importantes à crise, e deve ser reconhecida como força estratégica para a reestruturação das políticas educacionais futuras como espaço de escuta.

Considerações finais

A presente investigação buscou compreender as semelhanças e diferenças nas trajetórias acadêmicas e na saúde mental de estudantes de pós-graduação entre países do Norte e do Sul Global durante a pandemia de Covid-19. Os resultados revelaram que, embora o impacto da crise sanitária tenha sido generalizado, sua expressão concreta foi profundamente influenciada por desigualdades institucionais, socioeconômicas e pela capacidade de resposta de cada contexto nacional.

Nos países do Sul Global, como Brasil, México e Moçambique, observou-se o agravamento de vulnerabilidades históricas que já afetavam o ensino superior antes da pandemia. A instabilidade no financiamento estudantil, a exclusão digital, a descontinuidade das pesquisas e a fragilidade das redes de apoio institucional comprometeram a permanência acadêmica e intensificaram o sofrimento psíquico dos discentes. O caso brasileiro, sustentado por evidência empírica, ilustra com nitidez essa sobreposição entre pressões econômicas, carga acadêmica e adoecimento mental. Já no Norte Global, representado por Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, apesar de haver maior investimento em infraestrutura e políticas de apoio emergencial, também foram identificadas situações de exaustão emocional, queda de produtividade e abandono acadêmico, sobretudo entre grupos historicamente marginalizados, como estudantes estrangeiros, minorias étnico-raciais e mulheres com dupla jornada.

A análise comparativa evidencia que as desigualdades na pós-graduação ultrapassam as fronteiras geográficas e estão enraizadas na presença, ou ausência, de políticas públicas estruturantes, capazes de garantir condições equitativas de acesso, permanência e bem-estar. Ao mesmo tempo, destaca-se a capacidade de resistência dos estudantes, que, mesmo diante da precariedade ou da sobrecarga, mobilizaram esforços individuais e coletivos para manter o vínculo com a produção científica.

Transformar as lições da pandemia em políticas permanentes que integrem cuidado institucional, suporte psicossocial e compromisso com a justiça educacional é o principal desafio que se coloca. A construção de uma pós-graduação mais resiliente e inclusiva dependerá, sobretudo, do reconhecimento do estudante como sujeito integral, cujas demandas

não se limitam à produtividade acadêmica, mas envolvem também condições materiais e emocionais indispensáveis à formação científica em contextos adversos.

Referências

BANCO MUNDIAL. **COVID-19**: impactos na educação e respostas políticas. Washington, DC: Banco Mundial, 2022. Disponível em:

<https://documents.worldbank.org/pt/publication/documents-reports/documentdetail/416991653124635732>. Acesso em: 29 set. 2025.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Atualizada pela Lei 13.796 de 3 de janeiro de 2019. Educação a distância na crise covid-19: um relato de experiência.

Research, Society and Development, v. 9, n. 6, 2020. e180963699. DOI: 10.33448/rsd-v9i6.3699.

CAIXETA, M. B. *et al.* O BRICS, o Sul Global e a transformação da ordem mundial: o Novo Banco de Desenvolvimento. **ResearchGate**, 2024. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/384897956>. Acesso em: 27 set. 2025.

CECCARELLI, P. **Flash Survey Report**: Impact of COVID-19 on Postgraduate Students. Cambridge: University of Cambridge, 2020. Disponível em:

https://www.postgraduate.cam.ac.uk/files/covid_survey_report.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.

CHEN, T.; LUCOCK, M. The mental health of university students during the COVID-19 pandemic: An online survey in the UK. **Plos One**, v. 17, n. 4, p. e0262562, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0262562>. Acesso em: 29 set. 2025.

CHOWDHURY, R.; TRUJILLO, N.; KHALID, S. Biosocial determinants and solutions for mental health conditions in low and middle-income countries: revealing the current evidence gaps. **Frontiers in Public Health**, 2025. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2025.1325678/full>. Acesso em: 29 set. 2025.

CORRÊA, R. P. **A pandemia de COVID-19**: impactos e desafios em comunidades acadêmicas e de saúde brasileiras. 2022. 268 f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:

<https://arca.fiocruz.br/items/12e4ecc4-bee0-4843-aa57-b3b348b77098>. Acesso em: 29 set. 2025.

CORRÊA, R. P. *et al.* Percepções de estudantes de pós-graduação brasileiros sobre o impacto da COVID-19 em seu bem-estar e desempenho acadêmico. **Revista Internacional de Pesquisa Educacional Aberta**, v. 3, p. 100185, 2022. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666374022000619>. Acesso em: 29 set. 2025.

DADOS, N.; CONNELL, R. The Global South. **Contexts**, v. 11, n. 1, p. 12–19, 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1536504212436479>. Acesso em: 27 set. 2025.

DEPARTMENT OF AFRICAN AMERICAN STUDIES. COVID-19 and Racial Disparities: The Case of Black Americans. University of Chicago, 2023.

EUROPEAN COMMISSION. **European University Alliances**: Survey on institutional support for student mental health during COVID-19. Brussels, 2020. Disponível em: <https://education.ec.europa.eu/document/european-university-alliances-mental-health-support>. Acesso em: 29 set. 2025.

FONTOURA, H. A. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: FONTOURA, H. A (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais**: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, 2011. p. 61–82.

GONÇALVES, T.; URQUIZA, S. Cultura e resistência nas Tribal Colleges durante a pandemia. **Revista de Estudos Interculturais**, v. 9, p. 65–82, 2021.

HORGOS, B. *et al.* Academic disruption and mental health of graduate students in the COVID-19 pandemic. **Journal of Higher Education Studies**, v. 10, n. 3, p. 45–61, 2020.

JARAMILLO, D. B.; STEPHENSON, G. K. **Interconnected impacts of COVID-19 on graduate students**, 2020. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200615085637162>. Acesso em: 29 set. 2025.

JIMÉNEZ VILLAMIZAR, M. P. **Impacto psicológico de la COVID-19 y retos post-pandemia en estudiantes universitarios**: un enfoque integral. 2025. 132 f. Tese (Doutorado em Psicología de la Salud y del Deporte) – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2025. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/tesis/2025/hdl_10803_695004/mpjv1de1.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.

LECHINI, G. Algunas reflexiones sobre el reordenamiento mundial y la Cooperación Sur-Sur. **Relaciones Internacionales**, Uruguai, v. 31, n. 62, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/RRII-IRI/article/view/14056>. Acesso em: 27 set. 2025.

LOUMIE, N.; SIMMONDS, S.; JONES, T. Resilience and Access: The Role of HBCUs During the Pandemic. **Journal of Educational Equity**, v. 14, n. 2, p. 77–92, 2022.

LUCAS, R. E.; VERGARA, L. L. G. Percepção dos docentes da rede pública quanto a carga mental de trabalho no ensino remoto de emergência. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 9, p. 1–17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/6657>. Acesso em: 29 set. 2025.

MARINO-JIMÉNEZ, M. *et al.* Pesquisa na América Latina: bases para a fundamentação de um programa de formação em educação superior. **Cogent Education**, v. 11, n. 1, p. 2319432, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/2331186X.2024.2319432>. Acesso em: 29 set. 2025.

MARTINS, A. F. *et al.* **Educação em tempos de pandemia**: desafios para Moçambique. Maputo: Centro de Estudos Sociais, 2021.

MENEGALDI-SILVA, C. *et al.* Saúde mental e recursos de enfrentamento em estudantes universitários brasileiros em tempos de pandemia. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 632–650, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/XygxmHShDGtgfz7Vc4QtpHr/>. Acesso em: 29 set. 2025.

MESSIANO, C. P. *et al.* **Impactos psicossociais da COVID-19 em estudantes do ensino superior em Moçambique**. Maputo: Instituto de Ciências da Saúde, 2021.

OLIVEIRA, C. S. de; OLIVEIRA, K. R. de; SANTOS, P. J. dos. Período letivo excepcional: uma iniciativa de inserção do ensino híbrido. **Educa – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 1–21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/6021>. Acesso em: 29 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: A crise da aprendizagem no Sul Global**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386083>. Acesso em: 28 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **COVID-19 Weekly Epidemiological Update**. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update>. Acesso em: 29 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Education at a Glance 2021: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/>. Acesso em: 29 set. 2025.

PEREIRA, S. M. A.; HECKTHEUER, F. R.; NETO, F. E. Burnout e tecnoestresse no trabalho docente universitário no Brasil. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 8, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/6560>. Acesso em: 29 set. 2025.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024**. Nova York: PNUD, 2023. Disponível em: <https://hdr.undp.org/>. Acesso em: 29 set. 2025.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Relatório de monitoria educacional COVID-19**. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. Maputo, 2020.

ROBELO, O. G. *et al.* Psychological, emotional, cognitive and familiar factors associated with academic engagement in students of a public university in Mexico during the COVID-19 pandemic. **Athens Journal of Health and Medical Sciences**, 2025. Disponível em: <https://www.athensjournals.gr/health/2025-5279-AJHMS-EDU-Robelo-07.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

SHAH, S. M. *et al.* Stress and depression among Canadian university students during COVID-19 pandemic: Cross-national comparison. **Canadian Journal of Public Health**, v. 112, p. 478–486, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.17269/s41997-021-00529-y>. Acesso em: 29 set. 2025.

SILVA, A. J. da *et al.* Produção científica em países africanos lusófonos durante a pandemia: análise bibliométrica. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 31, n. 1, p. 122–139, 2024.

UNITED STATES OF AMERICA. Education in a Pandemic: The Disparate Impacts of COVID-19 on America's Students. Office for Civil Rights, U.S. Department of Education, 2021. Disponível em: <https://www2.ed.gov/about/offices/list/ocr/docs/20210608-impacts-of-covid19.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

WERNECK, G. L. The COVID-19 pandemic: challenges in assessing the impact of complex and multidimensional problems on the health of populations. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, p. PT045322, 15 abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/DrrWR5mgrY9hJ7td7FyyBCD/?lang=en>. Acesso em: 20 set. 2025.

Enviado em: 15/07/2024.

Aceito em: 17/03/2025

Publicado em: 26/12/2025.